



**NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CADERNO ESPAÇO FEMININO**

DUQUE, Tiago. *Gêneros Incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher*. Campo Grande: Editora UFMS, 2017.

Andrey Monteiro Borges^()*

Gêneros Incríveis é um livro que foi realizado a partir da dissertação do Doutorado em Ciências Sociais defendida pelo autor, Tiago Duque. Ele é professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, e utiliza da Teoria Queer, dos estudos Pós-Coloniais e demais Teorias Subalternas para pensar sobre as questões levantadas e discutidas em seu livro.

No primeiro capítulo, descreve de forma densa o interessante relato sobre a *passabilidade* de um homem transexual, que acontece em um bar, no centro de Campinas-SP. Este relato demonstra, apresenta e justifica, de certa maneira, todo o conteúdo do livro, bem como o porquê de estudar gênero e sexualidade, e seus regimes de conhecimento/visibilidade pensado de maneira interseccionada com outros marcadores sociais da diferença (gênero, sexualidade, raça/cor, idade, classe, região, etc.).

Estes marcadores o acompanharam também na constituição de suas/eusinterlocutoras/es, pois o grupo de entrevistadas/os se deu a partir de indicações de pessoas que eram vistas como quem *passava por* homem e/ou mulher ou não. Foram selecionadas/os aquelas/es que fossem mais diversificadas no que diz respeito às intersecções. Assim foi sendo tecida a

^(*) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: andreyedfisicaa@gmail.com.

rede com as/os oito interlocutoras/es que foram observadas/os e entrevistadas/os.

Dessa forma, o livro é marcado por ter um esquema muito inteligente e didático de apresentação de suas/eusinterlocutoras/es, pois, em primeiro momento, elas/es ficam dispostas/os em uma tabela com suas principais características, como nome, data e local das entrevistas, indicação sobre a *passabilidade*, identidade/sexualidade, cor/raça e etc. Isso facilita a leitura, afinal, durante as análises, caso se tenha esquecido de alguma característica de algum/a interlocutor/a, é só recorrer à esta tabela.

Tendo exposto na tabela estas/esinterlocutoras/es, Duque inicia a descrição do relato de cada uma/um, bem como suas análises sobre os dados do campo. Em cada experiência relatada, observa-se que a *passabilidade* pode se tornar possível de diversas maneiras, não sendo só aquelas mais utilizadas para o binômio masculino/feminino. Em cada caso, de cada interlocutor/a, fica evidente essas variadas formas de reconhecimento em termos de “sexo” e gênero.

A *passabilidade* ocorre também a partir de quebras de normas e convenções de gênero/sexualidade. Dois exemplos claros disto são quando a interlocutora Morgana, através do seu corpo obeso, se passar por grávida. Outro exemplo é o de Ricardo, que prefere ser obeso para disfarçar as características de um corpo anteriormente tido como feminino.

Sendo assim, fica evidente que a *passabilidade* não está apenas relacionada com as normas, pelo contrário, usar do que não é hegemônico e tão pouco valorizado em termos normativos, também é um modo de se atingir o *passar por*. Mas, nesses casos, talvez não só para atingir a *passabilidade*, mas também para desviar os olhares do foco do gênero para a obesidade.

Pode-se perceber que *opassar por* é apresentado de diversas maneiras. E o que torna este livro muito interessante é que o *passar por* não é constituído única e exclusivamente pelo gênero e sexualidade, mas que está intimamente interseccionado com raça/cor, classe, idade, entre outros marcadores sociais de diferença. Além disso, também está vinculada a poderes diversos (médicos, jurídicos, etc.) que legitimam ou não essas experiências.

Assim, como existem pessoas que buscam uma inteligibilidade do que é ser homem ou mulher, existem aquelas que não buscam *passar por* homem ou mulher. É o caso do André, um interlocutor que se identifica como andrógeno e que não quer ser *passável*, justamente porque atingir a *passabilidade* seria uma frustração para sua androginia, isto é, para o diferencial que o valoriza enquanto “diferente”.

No que tange a respeito das análises midiáticas, bem como da não *passabilidade*, convém mencionar o fato de várias travestis e transexuais postarem fotos no Facebook de quando eram crianças, ou de quando iniciaram suas transformações, gerando vários comentários positivos no sentido de enaltecer suas mudanças. Desta forma, essas travestis e transexuais não *passam por* mulher estrategicamente para que possam obter o êxito de suas transformações publicando seus “antes e depois”. Cabe lembrar que normalmente fazem isso aquelas/es que atingiram a possibilidade de passar por, ainda que não a desejam quando em contextos das redes sociais.

Ainda sobre o *não passar por*, houve um caso em que um Rafael, um homem transexualheterossexual, foi confundido em um bar GLS por um gay como um homem heterossexual não transexual. Neste relato, o autor coloca que o rapaz gay queria retirá-lo do bar ele *passar por* homem heterossexual não transexual. Foi preciso que alguns amigos fossem explicar para o rapaz gay que não era aquilo que ele estava pensando.

Partindo desses três últimos relatos de *não passar por* homem e/ou mulher, é pertinente dizer que a não *passabilidade* também traz uma possibilidade de pensarmos os limites e as potencialidade da agência nos processos do reconhecimento das diferenças, o que possibilita a expansão, fora da reiteração, das formas normativas de inteligibilidade dos corpos e suas performances. Uma maneira de ressignificar o que foi dado historicamente no que diz respeito a ordem sexual/social.

A *passabilidade* acontece por um regime de visibilidade/reconhecimento, mesmo não havendo um consenso absoluto de quem é *passável* ou não *passável*, mesmo porque o objetivo não é atingir a *passabilidade* sempre. Sendo assim, o objetivo do autor é entender como são

marcadas essas experiências de *passar ou não passar por* através das interações com o meio.

Por fim compreendo que, segundo o livro, essas experiências de *passar por* e de *não passar por* acontecem como estratégias de sobrevivência contra as violências, em todas as suas ordens, de uma sociedade que ainda não está habituada a lidar com as diferenças, sejam elas de gênero/sexualidade, entre outros marcadores sociais da diferença.

Texto recebido em: 24/10/2017

Texto aprovado em: 20/12/2017